

Norma Miranda

Olá pessoal, boa tarde. Estamos aqui hoje na Sala Cleonice, no espaço da Fiocruz, recebendo uma pessoa ilustre, que é o professor Josemar Seja muito bem-vindo, professor, novamente.

Professor Josemar

A honra é toda minha estar aqui presente com vocês, poder fazer esse diálogo, muito importante.

Norma Miranda

É um prazer estar aqui com essa liderança hoje aqui do município de São Gonçalo, mas que atua em prol e em consonância de luta de ordem nacional. O Gabriel tá aqui junto com a gente também pra hoje conduzir esse bate-papo que vai ser leve, gostoso, pra vocês poderem conhecer um pouquinho mais da trajetória de vida pessoal e política do nosso querido Josemar.

Professor Josemar

Vamos que vamos. Tamo junto.

Norma Miranda

A gente gosta que a informação seja verdadeira, que ela chegue de forma oficial, e acho que é por isso que a gente precisa dar mais voz para as pessoas, principalmente de favela. A gente tem alguns verbetes, inclusive, na nossa plataforma, que fala dos favelados que hoje estão no parlamento, você é um desses, uma dessas representatividades que para a gente é maravilhoso. E aí eu queria que você falasse um pouquinho para a gente sobre essa sua trajetória de vida pessoal e política nesse cenário.

Professor Josemar

Primeiro dar um salve aí para todo mundo que está nos vendo, a você Norma, a também o nosso amigo, ao Gabriel, por estar fazendo essa entrevista que eu acho que vai ser uma grande entrevista.

Eu nasci, cresci, vivi na cidade de São Gonçalo, tenho uma história de vida de permanente estudo em escola pública, Como todo jovem dos anos 70 e 80, eu nasci em 1975, mas vivi toda a minha infância e adolescência nos anos 80 e 90, eu costumo dizer que eu sou um sobrevivente do sistema. É um homem negro que chega à idade que eu cheguei, com as possibilidades e os espaços que eu cheguei, vindo de um ambiente periférico, posso dizer que eu sou um sobrevivente. Eu acho que essa é a primeira questão. Eu sou um sobrevivente desse sistema racista, desse sistema que exclui os trabalhadores e trabalhadoras e seus filhos.

Eu me formei em geografia, na geografia na Universidade Federal Fluminense, visto que eu também sempre estudei em escola pública, estudei no Santos Dias, estudei no meu QUIAD. Estudei em Marcelo Soares, que são escolas que... No Menezes Vieira, que são escolas ali da região, né? Envolve ali Barreto, Neves ali. E que a gente é muito cresceu. Eu sou filho também de professora. E hoje estou como deputado estadual. Fui vereador na cidade de São Gonçalo. Ser vereador na cidade de São Gonçalo não é uma tarefa fácil. Organizei durante muito tempo trabalhos sociais, do qual eu destaco o Emancipa, que é um trabalho de educação popular com pré-vestibulares para jovens da periferia. E esse é o resumo da nossa vida, que se deixar a gente fala, fala, fala, fala bastante.

Norma Miranda

Pois é. A gente, quando faz um pequeno levantamento da sua biografia, a gente vê que é uma trajetória que começa lá nos anos 90 ainda, né?

Professor Josemar

Isso.

Norma Miranda

E confirma que é 91 mesmo que essa trajetória começa.

Professor Josemar

Isso, 91, eu comecei no estudantil.

Norma Miranda

No movimento estudantil, quando você fez parte do Grêmio do Colégio Macedo Soares.

Professor Josemar

Isso. Naquela época, você deve ter uns 15 anos, menos que eu aí, talvez, de 15 a 20 anos a menos que eu, você talvez não lembre, não saiba das lutas que nós tocávamos lá nos anos 90. Era a luta pela bermuda, o direito de usar a bermuda, tá? Hoje as lutas são diferentes, né? A gente tinha o direito de usar a bermuda, que era uma coisa do seguinte, a gente tava saindo da ditadura militar, né? 85, terminou a ditadura militar, ainda tinha aquela coisa do controle moral. Bebedouro, ter bebedouro com água gelada, ter o direito a ter aulas específicas, disciplinas específicas, então era uma coisa muito diferente do que é hoje. E vínhamos de mobilizações dos anos 80, que eram mobilizações que... que trazia a classe trabalhadora no centro. Então, eu comecei a militar em 91. Aí veio em 92, comecei a participar do Foracorta, daí pra cá eu não parei.

Norma Miranda

Não parou mais.

Professor Josemar

Não parei mais.

Norma Miranda

Aí vem aqui dizendo, em 2012 você participou da Chapa Acorda São Gonçalo, né? A Chapa Acorda.

Professor Josemar

Pra Prefeitura.

Norma Miranda

Repetiu a sua aliança, foi lá, ganhou 19 mil votos, foi um número bem expressivo naquela época e vem mostrando aqui algumas outras coisas também, em 2014 você vai pra Assembleia Legislativa, você tem uma história de luta bem interessante.

Professor Josemar

É, a gente vai fazendo o nosso trabalho, sempre mantendo ali pelo pessoal, que é o nosso partido, e fazendo a diferença.

Norma Miranda

Ajudou a fundar também, né, você falou da Rede Emancipa, mas é importante que a gente fale um pouquinho disso pra desenvolver mais pras pessoas. Quando eu estive lá agora no Boassú, uma das coisas que tocaram na mesma hora foi, poxa, por que o projeto não chega aqui? que tem no Portão do Rosa? Eu até comentei com você ainda agora nos bastidores, mas aí você me disse que isso já cresceu pra caramba. Que você falasse um pouquinho da Emancipa pra gente

Professor Josemar

Sim, a gente teve... O Emancipa é um movimento social por educação. que existe de norte a sul do Brasil e no Rio de Janeiro a gente conseguiu fazer esse trabalho, que é um trabalho militante, voluntário, em várias cidades. Chegou a ter em Pádua, Nova Iguaçu, Belford Roxo na capital, teve em Vila Isabel, chegou a ter na Rocinha, chegou a ter... Tivemos trabalho também, temos trabalho em São Gonçalo. São Gonçalo, então a gente conseguiu fazer bastante coisa. Tem em Casimiro de Abreu, né? E é o que é o interessante, a gente chegou a fazer também... Temos ainda, né? Trabalho no Degase, com jovens na situação de liberdade assistida. Ou seja, o nosso papel é transformar as pessoas pela educação. Esse é o papel deles.

Norma Miranda

Transformar as pessoas pela educação acho que é a chave, né? Pra que a gente possa alcançar outros patamares sociais. A gente sabe de muitos projetos de leis seus, mas eu gostaria que você falasse um pouquinho da Lei Vini Júnior também pra gente.

Professor Josemar

Olha, a Lei Vini Júnior, um grande projeto que nós fizemos, ele foi inspirado... Norma, posso

te chamar assim? Claro. Naqueles ataques que o Vini Junior sofria na Espanha, de racismo, que era chamado de macaco, ofendido, essa coisa toda. E nós aí fizemos a Lei Vini Júnior, que na verdade, pra você que está nos vendo, é um protocolo que atende algumas questões de como que é quando tem racismo dentro de um jogo de futebol. E não só no jogo de futebol. Fizemos primeiro um jogo de futebol, mas expandimos dentro da lei para as arenas esportivas também. Na Lei Vini Júnior, primeiro você tem a campanha de conscientização, tá lá, racismo é crime, né, diversas divulgações, materiais, cartazes, inclusive pra você que tá nos vendo, toda vez que você vê um jogo de futebol que tem lá racismo é crime, essa lei vem da Lei Vini Júnior que é nossa. A lei de nossa teoria. E a lei foi nacionalizada a nível de Brasil, outros estados copiaram. Então tem lei Vini Júnior em outros estados por conta da nossa lei.

Norma Miranda

Por conta do seu trabalho.

Professor Josemar

É.

Norma Miranda

Que deu ponto a pé inicial.

Professor Josemar

Que deu ponto a pé inicial. Outra coisa também que é muito importante dentro dessa lei, é que a lei Vini Junior, ela trata do racismo nos estados e arenas esportivas, faz todo esse protocolo de conscientização, mas ela também tem algumas prerrogativas e algumas questões que são importantes, do tipo assim, Se tiver um ato racista, identificar o torcedor para pegar, para fazer ali a busca por ele, para ele responder judicialmente para esse trabalho.

Segunda questão, se tiver uma multidão, fazer a questão sonora para poder difundir e dizer, ó, está tendo um ato racista aqui. Terceiro, se continuar a paralisar a torcida e punir, paralisar o jogo e a e punir a torcida que fez o ato racista. Isso são medidas da Lei Vini Junior. Ao longo desse um ano e meio que a lei está em execução, nós fiscalizamos vários jogos de futebol, Eu tive a honra de fiscalizar o jogo Botafogo e Atlético. Fiscalizei jogos de vários agentes. Inclusive fiscalizamos a final da Libertadores Fluminense e Boca Juniors, visto que tinha uma pressão da torcida argentina de fazer a assista, porque lá não tem a mesma rigorosidade da luta racial como tem aqui, embora aqui a lei existe, mas existe uma concepção que afrouxa em relação ao combate. E nós reunimos também com o batalhão especializado de policiamento dos estádios, né, pra dar curso, demos ali uma formação. Participamos também de reunião com a CBF, com a CBV, que é a Confederação Brasileira de Vôlei. Fizemos várias reuniões pra atender a necessidade nesse um ano e meio de Lei Vini Júnior. Então, e fomos inclusive fora do estado, fazer contato, fazer discussões.

Norma Miranda

E pra além só do futebol também, né? De modo geral, vocês estão presentes para fazer valer

em qualquer outro movimento esportivo.

Professor Josemar

Qualquer outro movimento esportivo, porque a lei pega também arenas esportivas.

Norma Miranda

Muito bom, muito bom. O Gabriel queria falar um pouquinho.

Gabriel Nunes

A gente foi acompanhar até agora a sua longa trajetória de lutas, linda, inspiradora. Mas vamos voltar um pouquinho, né? Voltar às suas origens, aonde você nasceu, que território é esse, que território que ajudou a compor o professor José Marques estar aqui, na frente dessas câmeras hoje.

Professor Josemar

Olha, eu sou um Gonçalense, com muito orgulho. Eu vivo numa cidade que tem mais de aproximadamente um milhão de habitantes. Se você parar para pensar, você que está em casa, está me vendo aqui agora, quando a gente fala que São Gonçalo tem um milhão de habitantes, e o Brasil tem 210 milhões, nós estamos falando que a cada 210 pessoas, uma mora em São Gonçalo. Se levar em consideração que parte da população de Niterói frequenta São Gonçalo por algum tipo de questão, população de Itaboraí e de Maricá, nós dialogamos diretamente, enquanto gonçalenses, com mais de 1% da população brasileira. Isso quer dizer o seguinte, que nós somos o retrato do Brasil miniatura. Se você observar Quer estudar o Brasil, pode estudar São Gonçalo. Você vai ter áreas que são... Só não tem praias com onda, mas até praia tem.

Norma Miranda

Tem também.

Professor Josemar

Sabe quantas praias tem em São Gonçalo? Você sabe?

Norma Miranda

Nós temos a Praia das Pedrinhas, que lá no meu quintal lá, que eu sou conselhistas também, sou cria junto contigo, de São Gongô, e assim, melhorou bastante a Praia das Pedrinhas, a gente tá longe, tá boa, né? Mas a gente tinha ainda aquela praizinha da Divisão do Barreto, né, que acabaram com ela, um pedacinho pra São Gonçalo, um pedacinho pra Niterói, a gente tinha, tem a Praia da Luz também, temos... Ih, tem outra ainda agora que eu tô lembrando, nove, tem outra, vai, me ajuda!

Professor Josemar

>>[Rt]: São 11 praias!

Norma Miranda

>>[Af]: Ih, 11, muito mais que eu sabia!

Professor Josemar

>>[Rt]: Nove na... No continente tem a praia das pedrinhas, tem a praia ali, um pedacinho da praia da gata, tem a praia da... não, da ilha das flores, tem a.

Norma Miranda

Ilha das flores, que não é continente.

Professor Josemar

Mas tem uma ali. Tem mais duas praias em Jurubaíba.

Norma Miranda

Jurubaíba, já fui pra lá.

Professor Josemar

Tem duas praias lá. E aí tem as praias da ilha de Itaúca. Que pega a Praia da Luz que você falou, tem a Praia de São João.

Norma Miranda

São João é uma praia muito boa de comer peixe ali, é gostoso, né?

Professor Josemar

Sim, é um lugar bom. Eu, quando era mais jovem, ia lá. Praia bastante frequentada aí. Não é coisa da época de vocês, vocês são bem mais novos que eu. Vocês devem ter 15, 20 anos ou mais.

Norma Miranda

Ah, já passei dos 40.

Professor Josemar

Opá! Qual é a pílula da juventude que você está tomando? E a gente tem ali a Praia de São João, Praia da Luz, Praia da Beira, Praia do Focinho do Porco. Quatro, faltam mais duas. Tem uma que você vê lá da Praia das Pedrinhas, que é uma praia quase que inacessível, mas é uma praia. E tem uma outra praia que me fugiu agora, que é da onde sai a embarcação pra ir pra Paquetá. De Paquetá pra São Gonçalo é 25 Minutos de uma barca direta.

Norma Miranda

Eu já fiz esse trajeto, de barquinho mesmo.

Professor Josemar

É, de barca direto. Então São Gonçalo tem 11 praias, mas as pessoas não conhecem as 11

praias de São Gonçalo.

Norma Miranda

É verdade, viu? Eu sou gonçalense e descobri agora com o nosso professor que bom que ele está aqui. Formado em Geografia seria diferente se ele não soubesse. Ele tem que ajudar a gente nesse ponto, né? Nosso conterrâneo. Mas assim, é sempre bom e interessante a gente poder conversar. Por exemplo, eu estou muito à vontade. Por que você é de São Gonçalo. A gente sabe de todas as dificuldades de São Gonçalo. Até porque você está nessa luta. Antes de eu pensar no que era luta política, você já estava fazendo luta política lá em 91. que é muito interessante quando a gente volta, e o Gabriel acho que tá tentando fazer esse movimento, de fazer você voltar para suas origens, porque é quando a gente tá forjando aquilo que a gente discorda, quando a gente tá começando a compreender coisas que nos machucam, que nos ferem, que a gente tá tentando de alguma forma, né, se colocar nesse universo e perceber que o nosso corpo é político. Acho que o Gabriel, quando tá falando disso, ele tá querendo voltar ainda um pouco mais.

Professor Josemar

Exato, porque você quer, é a necessidade de você entender de onde você vem e a quem você representa. Esse é o nosso papel. Por exemplo, São Gonçalo é uma cidade com um milhão de habitantes, como eu estava falando. Ela tem uma história muito rica, do ponto de vista social, cultural, ambiental, por exemplo. São Gonçalo é onde surgiu a Umbanda do Pai Zélio de Moraes. Porém, se você for dialogar com a população gonçalese, poucas pessoas sabem disso, porque não é ensinado nessas escolas.

Eu estudei no Santos Dias. Santos Dias é em frente a onde era a casa do Pai Zélio. Passei várias vezes em frente. E só fui saber depois, quando me tornei militante. Porque ninguém nunca me falou que ali era a casa do Pai Zélio. O meu pai, que falou, olha, tem um terreiro aí que é o primeiro terreiro, o número um, mas ele não soube onde era, morreu sem saber. Buscando encontrar. E morava no bairro do lado.

Então, assim, às vezes, nós não conhecemos a nossa própria história e as histórias, inclusive, das pessoas. Quando a gente tem ali a BR-101 cortando a cidade, ela corta a cidade, mas ela também corta histórias de famílias que ocupavam aquela região. Quando nós vemos os loteamentos do Jardim Catarina, que é um grande loteamento, que era uma grande fazenda que foi loteada, se nós conversarmos com moradores mais antigos, aqueles que têm mais de 70 anos de idade, você vai ver histórias riquíssimas de como que é a cidade. Se você entrar ali, Na história das fazendas que existem e nos bairros ali, os nomes dos bairros, você vai ver que tem uma história riquíssima também. Por exemplo, o Porto da Pedra, o Porto da Madama, são todos ligados à história dos Ornelas. Ou seja, tem tudo a ver com a bela história da cidade de São Gonçalo. Quando você olha a Trindade, que é um bairro todo planejado, se você for olhar do ponto de vista de loteamento. Quando a gente olha as comunidades, como é o caso da comunidade do feijão, que é uma comunidade que existe no paraíso, ela é uma comunidade que foi organizada via uma ocupação. Uma ocupação organizada e iniciada por um padre. Um padre deu início a uma ocupação dentro do feijão. A

Coruja foi a ocupação de pessoas que também chegaram ali relativamente de famílias muito antigas. Isso eu estou falando de algumas partes da cidade. Se eu for contar no Arsenal, no Jóquei, na linha do trem, do trem que ligava São Gonçalo até Cabo Frio e por aí vai. Ligava São Gonçalo ao interior, passando por outras áreas.

Norma Miranda

Você cresce no Portão do Rosa mesmo? No Portão do Rosa que você cresce?

Professor Josemar

Eu cresci em Neves.

Norma Miranda

Em Neves. Então você cresceu nesse complexo ali que você está falando do Paraíso.

Professor Josemar

É, eu cresci em Neves.

Norma Miranda

Nasceu e cresceu pra onde?

Professor Josemar

Eu nasci no Porto da Madama. Minha mãe, na verdade, é até uma história curiosa, né? Minha mãe queria que seu primeiro filho nascesse em São Gonçalo. Ela morou um pequeno período no Rio, mas ela morava no Rio, no Santo Cristo, ela fez questão que eu nascesse em São Gonçalo. E aí eu nasci na casa de modelo, ali no Porto da Madama. Eu nasci ali. No Porto Velho, melhor dizendo. E eu fui criado em Neves, cresci em Neves, vivi a minha vida toda em Neves. Mas conheço bem a cidade por conta dos estudos, das coisas, da forma como eu aprendi a gostar da cidade também.

Acho que São Gonçalo tem potencial, mas ela é vista ainda como a maior cidade pequena do Brasil. E a gente precisa transformar e pensar a cidade de São Gonçalo como uma cidade grande. Hoje pensam São Gonçalo como a cidade pequena do Brasil. Você vê, o que acontece hoje, arrancando árvore, em nome de uma suposta modernidade, Não temos discussões para pensar a cidade a médio prazo. A necessidade, por exemplo, de termos uma linha 3 do metrô que facilitaria a nossa vida, o nosso deslocamento, não apenas para o trabalho, mas também para o lazer, para o acesso aos equipamentos culturais era algo de grande importância para nós.

Norma Miranda

Muita importância para a gente.

Gabriel Nunes

Voltando um pouco na história do professor Josemar, eu queria lhe perguntar quem são as figuras que te inspiraram na sua vida pessoal, na sua vida de luta, que ajudaram a compor



esse ser que está aqui na minha frente?

Professor Josemar

Minha mãe, meu avô, alguns professores e professoras, aqueles que lutaram por essa sociedade, por uma sociedade mais justa, contra essa sociedade que está, Você tem ícones como o zumbi, figuras que se colocaram à disposição de uma outra sociedade. Geralmente quando essa pergunta vem, ela vem também com a pergunta seguinte. Quem te inspirou e qual é o seu sonho? Geralmente as pessoas fazem... Uma coisa atrás.

Norma Miranda

As duas coisas estão ligadas.

Professor Josemar

Estão ligadas, é. Meu sonho é uma sociedade sem explorados, sem exploradores, sem opressão racial. Esse é o meu sonho. Uma sociedade sem explorados, sem exploradores e sem oprimidos e opressores. Esse é o meu sonho.

Norma Miranda

Muito bom, professor. Só pra gente fechar então aqui esse diálogo que foi maravilhoso, eu queria, já que a gente falou de sonho, né, e é muito importante que a gente pense sempre nessa condição, nessa dualidade que o senhor trouxe agora aqui pra gente, né, de uma sociedade com oprimidos e opressores, é importante que a gente pense assim, porque nós fazemos parte de uma camada que tem tentado reagir, né, a tanta opressão. Mas é interessante o que o senhor falou. E só pensando nisso, você falou de... Eu queria que você falasse daqui, sobre lugares de memória, porque você falou sobre a sua infância pra gente, falou de Neves e falou de como foi que você se envolveu na luta política, mas aqui... Especialmente, a gente tá falando de celebração de luta e de violência. O que você entende que você já conseguiu celebrar de vitória pra sua vida, a partir de uma luta? Ou, não sei, se você foi atravessado, de repente, por alguma coisa, alguma situação...

Professor Josemar

Eu acho que a gente ter vitória na luta é sempre importante, né? Vitórias coletivas e satisfações individuais. Vitórias coletivas que eu acho que a gente teve. Tive várias, né? Lutar pela universidade pública e, até hoje, a universidade ser pública. Porque o projeto de privatização neoliberal, já nos anos 90, previa a privatização da universidade. Realizar o sonho como a educação popular do emancipa, imagina. Eu vou te contar aqui, pegar o parênteses. de uma história que aconteceu no Emancipa. O Emancipa é um movimento social por educação que organiza pré-vestibulares. Nós tivemos lá vários alunos de diversas idades, mas na sua grande maioria jovens. No ano de 2018 ou 2019, eu chegando lá para aula inaugural, ali no EFRJ de Neves, Uma senhora me abordou e falou o seguinte, eu queria me matricular. A matrícula foi online, porque a gente abriu um cadastro online, para acompanhar a minha filha. Será que tem como me matricular? Eu falei, pega aqui uma ficha VULS e se matricula. Eu quero me matricular porque eu quero estimular a minha filha a se

tornar... a fazer, estudar e estudar o sonho dela que eu acho que na época era... Era fazer enfermagem ou medicina, um negócio assim. E a senhora foi estudando ali junto com a filha. O Emancipa começa em março e vai até outubro, um pouquinho antes das provas do Enem. Quando chegou em julho, a filha chegou para a mãe e falou o seguinte, Ela falou assim óh, mãe eu não quero mais continuar, vou deixar esse sonho de faculdade para um outro momento, a senhora não precisa mais ir. E lá o nosso pré vestibular ele tem turmas que são só o sábado e essa turma é na segunda, terça e quarta. A mãe virou para a menina e falou o seguinte, minha filha, Eu não vou... Você quer sair, tudo bem, te respeito. Mas eu tô aqui, eu tô há 20 anos sem estudar, tô gostando do que eu tô vendo, tô aprendendo. Deixei de estudar porque tive que cuidar de vocês. Eu vou continuar, eu vou até o final. Tá abrindo minha mente, meu horizonte. Essa mãe foi até o final do ano. E essa mãe hoje é uma estudante de engenharia da UFF. Mudamos ou não mudamos a vida das pessoas?

Norma Miranda

Sem nenhuma dúvida.

Professor Josemar

Mudamos ou não mudamos? Então, isso são coisas que nos dão satisfações coletivas do que a gente fez. Eu tive uma grande satisfação pessoal quando no dia 15 de dezembro de 2021, o prefeito São Gonçalo botou o plano de cargo e salário para votar. E botou de um dia para o outro. E eu me surti contra aquilo. Chamei todos os meus colegas, os profissionais de educação, para irem acompanhar aquela sessão. Fecharam a porta. Eu tive a honra de abrir a porta e fazer todo mundo entrar. E lá dentro defendi os meus. Valeu a pena. Valeu a pena. Acho que a gente teve ali um empecilho, eles acabaram aprovando, mas eu comigo mesmo Digo que valeu a pena lutar.

A cada jovem que chega na comissão de combate às discriminações hoje, denunciando um caso de racismo que a gente pode acompanhar, eu digo que valeu a pena. Quando nós pegamos um caso do jovem que ia perder a sua vaga na UFF, jovem negro, retinto, porque a câmera dele não abriu, porque ele não tinha internet, com a velocidade, e a banca de hetero-identificação o eliminou e a gente ganhou na justiça, Valeu a pena. Então, a luta para nós, ela vale a pena. Quando nossos sonhos são grandes.

Então, eu fico feliz pelo que eu já lutei até aqui e pelo que eu tenho muito a lutar. Agradeço por essa oportunidade. Eu estou aqui dentro da Fiocruz, eu vindo de São Gonçalo, estou dentro da Fiocruz, na condição de deputado estadual, mas também como uma pessoa negra sobrevivente, Estou aqui falando para diversas pessoas que vão ver a minha história e não só a minha história, a história de outros. Para eu chegar até aqui, muitos tombaram, muitos tiveram dificuldades. Eu perdi amigos para guerras drogas, seja perdendo a sua vida diretamente ou por se envolvendo em situações que não são legais. Mas eu acabei chegando. E não é mérito meu. Essa é a diferença do mérito democrático. Isso é mérito de uma luta coletiva. Se você está até aqui, Norma, Gabriel, é porque alguém apostou em você. E no meu caso, além da minha família, muitos apostaram em mim. Eu poderia citar os 28.400 e tantos votos que eu tive. Mas não só eles apostaram. Aqueles que acompanharam, aqueles que

olham de longe, aqueles que acreditam que o outro mundo é possível. A gente fica até emocionado, mas é uma realidade.

Norma Miranda

É verdade. Muita coisa para celebrar, né? Viu como é que a gente quando volta assim no tempo, né? E olha quanto exemplo bacana, né? Para você que está assistindo agora, está nos assistindo, para perceber que não é meritocracia. Isso aqui é fruto dos esforços de muitos. Muitas mãos, muitos braços, muitos sonhos, muitas aspirações, muito trabalho pra colocar tudo isso em prática, pra gente não ficar só no campo das ideias. E aí dá nisso. Uma pessoa que chegou até onde chegou porque, sim, muitas pessoas acreditaram... em mim, você, e vamos acreditar muito mais ainda no nosso povo que merece essa atenção e que vai conseguir chegar onde quiser chegar quando despertar, de repente, de alguma situação que envolva.

Gabriel Nunes

Dá tempo de uma última perguntinha?

Professor Josemar

Dá, temos bastante tempo.

Gabriel Nunes

Você é um bom sonhador, um bom lutador. Quando você fala dos sonhos, você traz essa coletividade que é muito importante. Agora eu queria saber o sonho para o Josemar. Um sonho pessoal.

Professor Josemar

Eu acho que nós temos muita coisa para sonhar, né? Eu já falei aqui do sonho, que é combater uma sociedade, construir uma sociedade sem explorados, sem exploradores. Mas acho que eu queria ver o Rio de Janeiro, claro que é o mundo em si, mas no Rio de Janeiro e em São Gonçalo em particular, que a gente pudesse mudar a qualidade de vida das pessoas. São coisas que me motivam muito. Eu tenho um carinho muito grande por São Gonçalo, mas na função de deputado estadual estou aprendendo e conhecendo muitas outras áreas do estado que me fazem muito bem. Realizamos um trabalho lá em Búzios recentemente, que foi encantador, do ponto de vista cultural também. Reunimos vários artistas, artistas LGBTQIA+. E, assim, lá em Porciúncula, no final do estado, a gente levar condições de ter para as escolas da região, é coisa de muita qualidade. Para a gente é muito interessante. E é isso, acho que seguir lutando é o meu sonho.

Norma Miranda

Todo aspirante de luta tem sonho coletivo. Não tem jeito. A gente não consegue resumir um sonho que seja só nosso, né? Acaba que qualquer sonho que a gente sinta, não sei... Assim, conversando com vocês, isso só reafirma e que bom que as pessoas que me rodeiam também são assim, mas a gente faz isso quase de forma involuntária. Qualquer sonho que a

gente venha a ter acaba que atravessa a necessidade e a felicidade de todo um coletivo, pra que a gente possa realmente falar, não, isso é legal e agora eu sou feliz porque isso aconteceu. Porque outras pessoas também estão experimentando essa mesma sensação. E isso é incrível, não é?

Professor Josemar  
É incrível.

Gabriel Nunes  
Muito obrigado, professor José Mar. Obrigado pela oportunidade de conhecer um pouco da sua história, um pouco da história de São Gonçalo. Um prazer.

Professor Josemar  
Acho que, assim, eu que agradeço a você, agradeço a vocês, na verdade, por me darem essa oportunidade de poder estar aqui falando, expondo, Um pouco mais sobre o território de São Gonçalo, que é um território com diversas favelas, com diversos espaços periféricos. Aliás, São Gonçalo é um grande espaço periférico, de gente simples e humilde, que constrói e produz o espaço urbano. Então, é um orgulho estar aqui falando com você. Norma, é um orgulho estar falando com você. Gabriel. Eu não sei porque eu estou te chamando de Mateus.

Gabriel Nunes  
Gabriel.

Professor Josemar  
Estar aqui nesse momento falando abertamente num espaço que tem a Marielle no nome. Eu conheci a Marielle pessoalmente. Uma pessoa muito doce, muito guerreira, muito carinhosa. Uma pessoa que era a expressão das favelas do Rio de Janeiro e falava pelo nosso povo. Marielle, presente, agora e sempre!